

# **À morte de Affonso de A. Coutinho Nesseder estudante da Escola Central**

Casimiro de Abreu

Who hath not lost a friend?...  
M.

É triste ver a flor que desabrocha  
Ou quer no prado, ou na deserta rocha,  
Pender no fraco hastil!  
É bem triste dos anos nos verdores  
Morrer mancebo, no brotar das flores,  
Na quadra juvenil!

Meu Deus! tu que és tão bom e tão clemente,  
P'ra que apagas, Senhor, a chama ardente  
Num crânio de vulcão?  
P'ra que poupas o cedro já vetusto  
E, sem dó, vais ferir o pobre arbusto  
Às vezes no embrião?!...

Pois não fora melhor vivesse a planta  
Cujo perfume a solidão encanta  
No sossego do val?...  
- Não veríamos nós neste martírio  
Desfalecer tão belo o pobre lírio  
Pendido ao vendaval!

Pobre mancebo! Nesse peito nobre  
E nessa fronte que o sepulcro cobre  
Era fundo o sentir!  
Agora solitário tu descansas,  
E contigo esse mundo de esperanças  
Tão rico de porvir!

Oh! lamentemos essa pura estrela  
Sumida, como no horizonte a vela  
Nas névoas da manhã!  
A sepultura foi há pouco aberta...  
Mas o dormente já se não desperta  
À voz de sua irmã!

É mudo aquele a quem irmão chamamos,  
E a mão que tantas vezes apertamos  
Agora é fria já!  
Não mais nos bancos esse rosto amigo  
Hoje escondido no fatal jazigo  
Conosco sorrirá!

Mancebo, atrás da glória que sorria,  
Sonhou grandezas para a pátria um dia,  
E a ela os sonhos deu;

Mártir do estudo, na ciência ingrata  
Bebeu nos livros esse fel que mata  
E pobre adormeceu!

Era bem cedo! - na manhã da vida  
Chegar não pôde à terra prometida  
Que ao longe lhe sorriu!  
Embora desta estrada nos espinhos  
Feliz tivesse os maternais carinhos,  
Cansado sucumbiu!

Era bem cedo! - Tanta glória ainda  
O esperava, meu Deus, na aurora linda  
Que a vida lhe dourou!  
Pobre mancebo! no fervor dessa alma  
Ao colher do futuro a verde palma  
Na cova tropeçou!

Dorme pois! Sobre a campa mal cerrada,  
Nós que sabemos que esta vida é nada  
Choramos um irmão;  
E d'envolta c'os prantos da amizade  
Aqui trazemos, nos goivos da saudade,  
As vozes da oração!

Eu que fui teu amigo inda na infância,  
Quando as almas das rosas na fragrância  
Bendizem só a Deus -  
Hoje venho nas cordas do alaúde  
Sentido e grave, à beira do ataúde  
Dizer-te o extremo adeus!

Descansa! se no céu há luz mais pura,  
De certo gozarás nessa ventura  
Do justo a placidez!  
Se há doces sonhos no viver celeste,  
Dorme tranqüilo à sombra do cipreste...  
- Não tarda a minha vez!

Maio - 1858